



Morfologia urbana e apropriação social das praças de Brasília, Distrito Federal: da capital modernista à metrópole contemporânea

Patrícia Silva Gomes ^a  e
Beatriz Versiani Ponce Lopes ^b 

^a Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Brasília, DF, Brasil.
E-mail: patriciasgomes@unb.br

^b Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Brasília, DF, Brasil.
E-mail: beatrizversiani@gmail.com

Submetido em 23 de outubro de 2023. Aceito em 25 de junho de 2024.
<https://doi.org/10.47235/rmu.v12i1.331>

Resumo. O presente artigo categoriza os tipos morfológicos das praças de Brasília, Distrito Federal, analisando a sua relação com o tecido envolvente e a presença de mobiliário e vegetação. Para dez casos típicos de cada categoria, objetiva-se destrinchar a análise morfológica e investigar os padrões de apropriação social. O estudo se embasa na análise tipomorfológica e de comportamento ambiental para investigar esse tipo *sui generis* de espaço público – a praça urbana. Com base nas camadas *shpfile* de malha viária, quadras/lotes, uso do solo e mobiliários de estar e lazer do Geoportail e do Google Street View®, chegou-se ao mapeamento e tipificação de 2.270 praças. Os resultados permitiram identificar diferentes origens de traçado e funções pretendidas para a praça, tendo em vista as diversas influências morfológicas – modernistas e contemporâneas – de Brasília, bem como a importância da qualidade do tecido envolvente – acessos, densidade, uso do solo – e da resolução projetual e manutenção da praça nos padrões de apropriação social; mostrando a riqueza da vida pública não apenas para ensinar, à guisa das conclusões, atributos para um bom projeto urbano, mas também para reafirmar que ela compõe efetivamente a alma da cidade.

Palavras-chaves.: morfologia urbana, apropriação social, vegetação e mobiliário urbanos, praças de Brasília (Distrito Federal).

Introdução

A praça, como um dos tipos mais *sui generis* de espaços públicos, tem sua etimologia no latim: “‘rua larga’, lugar público cercado de edifícios; largo; mercado; feira (Ferreira, 1986), excluindo-se aqueles que são considerados espaços canal, como as ruas (Fernandes, 2006). Essa abrangência conceitual acompanha a variedade histórica e cultural da sua inserção pelo mundo – como o *rossio*, o *largo*, o *terreiro* e o *adro*, da tradição medieval portuguesa; as *plazas mayores*, do léxico medieval espanhol; as praças em *crescents*, estruturantes do tecido urbano britânico; as *hoffies*, típicas da vida social holandesa; ou mesmo os contextos culturais

em que a praça se escassa do tecido, como nas cidades islâmicas, onde a sua presença se restringe à frente de alguma mesquita ou mercado (*souk*) em meio a um sistema de ruas estreitas (Fernandes, 2006).

Brasília, capital federal desenhada sob os auspícios modernistas de Lúcio Costa, para servir como ícone de modernidade e monumentalidade do país, acabou por assumir rápido crescimento populacional, e com ele a expansão do traçado, o que resulta na configuração de distintas morfologias de praças.

A concepção urbanística de Lúcio Costa baseou-se na definição de quatro escalas urbanas – monumental, gregária, residencial e bucólica –, resultando, respectivamente, em praças monumentais para o enquadramento cívico dos edifícios institucionais simbólicos; centrais, para o *frenesi* cotidiano da metrópole; pulverizadas nos espaços livres das superquadras para o convívio e lazer da população, e nos espaços verdes bucólicos de uso coletivo. Outrossim, ao conformar uma rede polinucleada de cidades-satélites, atualmente Regiões Administrativas (RAs), desenhadas pelo Estado sob a influência de um modernismo periférico (Holanda, 2003), e estender tecidos informais populares, isolados ou contíguos a estas cidades-satélites, constitui um mosaico de morfologias urbanas (Kohlsdorf, 1996) e, por conseguinte, de praças.

Essa herança morfológica gera, contemporaneamente, praças com diferentes padrões de apropriação social – confirmando, contrariando ou adicionando novos usos àqueles originalmente previstos no traçado modernista ou não.

Desse modo, o estudo objetiva analisar as tipologias de praças existentes em Brasília e compreender em que medida suas qualidades morfológicas e suas relações com os tecidos envolventes influenciam nos padrões de apropriação social.

Teoricamente, o estudo utiliza os conceitos de tipo e tecido trazidos pela escola tipomorfológica para fundamentar a categorização das praças, mas aplica para a análise morfológica e sociológica postulados mais gerais da morfologia urbana (conforme se verá nos itens 1 e 2).

Empiricamente, em uma escala macro, são categorizadas oito condições de praças identificadas nas 35 RAs do Distrito Federal: 1) organização do sistema viário; 2) setoriais para atender um número elevado de quadras e com programa de necessidades mais intenso; 3) para incorporação de espaços livres verdes ao traçado; 4) para recreação do bairro; 5) vinculada aos edifícios institucionais, servindo para a transição e enquadramento deles; 6) para fins monumentais e simbólicos; 7) em áreas com grande movimentação comercial; 8) para estar e lazer no verde envolvente. Para categorização das tipologias,

buscou-se rastrear o tipo mais específico, levando-se em consideração a função principal estabelecida no bojo do traçado originador e da relação escalar com o entorno, e se registrou o uso do solo predominante no entorno, bem como a presença de mobiliário e vegetação das praças, o que foi realizado com base na exploração caso a caso (para um raio de 100,00 metros) utilizando-se o Google StreetView® e os *shpfiles* de malha viária, quadras/lotes, uso do solo (conforme a Lei Distrital nº 948 de 2019) e mobiliários (GDF, 2023), categorizando as informações no programa QGIS® (versão 3.24.1).

E, em uma escala micro, para dez casos representativos de cada tipologia – com exceção das duas mais comuns, de bairro e vinculada a equipamento institucional, foram selecionados dois casos para contrastar variações urbanas-sociais em seu interior. Sendo assim, destrinchou-se as qualidades morfológicas da praça e da relação praça-tecido envolvente, cruzando as análises com a observação da apropriação *in situ*. Para estas análises morfológicas tomou-se por base: I) a forma do traçado e a função principal da praça; II) o arranjo tridimensional da relação praça-entorno definida pela configuração, comprimento e densidade de quarteirões/lotes, número de nós viários, de faixas de pedestres/calçadas e de outros meios de acessos de pessoas, número de acessos diretos (portas) às edificações e diversidade do uso do solo predominante; III) a reprodução da planta baixa, representando os ambientes e pisos, os mobiliários de estar e lazer existentes, o plano de massas vegetais; o que foi realizado com base na exploração caso a caso e na visita *in loco*. Vale esclarecer que estas variáveis foram escolhidas por mensurarem melhor a bilateralidade morfologia-sociologia, valendo-se de princípios gerais da morfologia e não estritamente ao método do processo tipológico clássico, consagrado pela tipomorfologia, ainda que se fundamente nos conceitos de tipo e tecido desta escola e se assuma que o tecido encontrado em cada local é herança deste processo e influencia na apropriação social.

Também se aplicou questionários semiestruturados para um contingente de quatro pessoas em cada praça selecionada (40 no total), sendo os resultados expressos por meio das principais narrativas identificadas.

Moudon (1997) reafirma a importância dos estudos da morfologia urbana, não apenas para compreender e explicar uma teoria sobre a cidade, mas também para formar um repertório de soluções projetuais para melhorá-la. Alinhado a esse último propósito, o trabalho possibilitou refletir, à guisa de conclusões, os atributos para um bom projeto de praça para a metrópole contemporânea de Brasília.

A contribuição da morfologia urbana para o estudo configuracional da praça

O campo de estudo da morfologia urbana reúne plural e sólida base epistemológica de análise da forma da cidade. Plural porque sob esse guarda-chuva comum, existem diversas correntes de estudos, das quais Oliveira (2016) distingue quatro: histórico-geográfica, tipológica projetual, sintaxe espacial e análise espacial. Sólida porque, conquanto essas variações, os autores são consensuais em compreender que a forma urbana pode ser explicada por um conjunto de princípios fundamentais: I) a decomposição dos elementos constituintes, como vias, parcelas ou lotes, edificações; II) as escalas urbanas, da região, da cidade e do bairro e III) a contínua transformação do tecido operada pela história (Moudon, 1997).

Os estudos tipo-morfológicos embasaram conceitualmente a categorização das praças do Distrito Federal. Tais estudos foram introduzidos pela escola italiana da morfologia urbana, a *Tendenza* como ficou conhecida, desde os pioneiros Rossi e Aymonino até a contribuição teórica-projetual de Muratori e seus discípulos Caniggia, Maretto, dentre outros. Esses autores trazem uma importante contribuição metodológica ao estudar a influência das tipologias edilícias na geração da forma e evolução das cidades, como também na identificação de unidades próprias – tipologias – de análise.

Para esses autores, o tipo é compreendido como unidade que vai se individualizando a partir de diferentes influências culturais para gerar a forma da cidade. O que se distingue de modelo como cópia a ser seguida sucessivamente. Coube a Aymonino (1984) introduzir esse conceito de tipo-morfologia para descrever os tipos edifícios e explicar a forma urbana no processo de tessitura do

tecido urbano (Moudon, 1997). Porém, coube a Muratori fornecer uma base metodológica para a análise tipo-morfológica, a partir de um extenso estudo realizado para a cidade histórica de Veneza, publicado em 1959.

A abordagem muratoriana se baseia no entendimento da intrínseca relação entre arquitetura e cidade e que a estrutura urbana só pode ser compreendida através da história; para isso, o pensamento do autor se baseia nos conceitos fundamentais de tipo, tecido, organismo e história evolutiva.

Para Muratori e também Caniggia e Maffei (2001), o tipo se refere a um jeito cultural de se construir sucessivamente pelas diversas comunidades, aderente a uma produção coletiva que sai da teoria para a prática (Gauthier, 2004); uma espécie de código coletivo de construção que é assumido para satisfazer, de um lado, as necessidades sociais e, de outro, a cultura material e as técnicas de construção, conforme a história de cada período (Gauthier, 2004). Para ele, o tipo constitui *a priori* a síntese, uma categoria cognitiva presente na mente dos construtores e usuários, desde suas ações de construção até a ocupação (Cataldi et al., 1999), saindo da forma do mental para o real, do projeto à interpretação (Maretto, 2012). Muratori reconhece os tipos edifícios básicos (ordinários), representados, via de regra, pelos edifícios residenciais, e especializados (monumentais), representados pelos que assumem funções específicas, mais complexas, e se diferenciam na malha urbana, com maiores proporções (Moudon, 1997).

Já o tecido se refere à contínua evolução do tipo no entorno construído. Caniggia e Maffei (2001) desenvolvem a ideia do processo tipológico a partir de Muratori, como um sistema complexo, com elementos interrelacionados que funcionam em diferentes níveis escalares, dinâmico, em contínua transformação e relativamente autônomo em suas partes (Gauthier, 2004). Caniggia e Maffei reconhecem a partir daí, a existência de uma estrutura típica em cada escala: a do edifício, correspondente aos tipos construídos, a do agrupamento de edifícios, condizente ao tecido, a do assentamento e da cidade, correspondente às relações entre esses agrupamentos, a da conexão entre as vias, os assentamentos e o uso do tecido, referentes ao

organismo urbano (Gauthier, 2004). Assim, a formação deste organismo urbano, como relação holística das partes da cidade entre si, só ocorre com o tempo, através da história evolutiva.

A partir desses conceitos, coube aos princípios gerais da morfologia urbana embasar o método de análise das praças do Distrito Federal. Conforme a decomposição do tecido em seus elementos constituintes – tanto bidimensionais como vias e quadras, subdivididas em lotes ou projeções, quanto tridimensionais, definidos pela edificação nos lotes e pela colocação do mobiliário urbano – permite rastrear a origem da praça dentro do traçado que a formou. Assim, os diferentes tipos de traçados viários – radial, reticulado (ortogonal ou irregular), orgânico – acabam por definir, como produtos dele resultantes, diferentes tipos de quadras – regulares ou orgânicas (notadamente, a partir de operações informais de parcelamento), curtas ou longas – que vão originar, por sua vez, o traçado e a definição funcional da praça. De tal modo que o rastreamento do traçado permitiu encontrar, no caso empírico deste trabalho, diferentes tipos de praças, como as funções de estar e lazer do bairro, notadamente pela liberação de uma quadra; para enquadramento dos usos institucionais, nas quadras vinculadas a esse tipo edilício; para adaptação e arremate do traçado (regulador ou orgânico) ao meio físico, resultando geralmente em formas triangulares; de organização do sistema viário; para enquadramento monumental das praças cívicas em quadras maiores e eixos axiais.

Já a decomposição das escalas urbanas permite distinguir distintas relações configuracionais e dimensionais entre a praça e o tecido envolvente, como em um espaço arquitetônico de grande escala, mas cuja relação de piso, parede e teto é dada pelo arranjo tridimensional do entorno; além de definir hierarquias, expressas pela localização da praça nas partes da cidade, refletindo na complexidade do seu programa e raio de abrangência populacional. De tal modo que a análise figura-fundo permite visualizar relações escalares da praça com seu entorno, possibilitando encontrar para o caso empírico de trabalho, praças setoriais, localizadas entre as partes da cidade e com programas mais complexos; centrais e cívicas, localizadas nas áreas centrais e monumentais e com

dimensões mais significativas; e dissolvidas no verde regional envolvente.

Por sua vez, a compreensão da história operativa também influencia no estudo da praça, uma vez que expressa o contexto histórico e cultural de se construir (em tipos ordinários e monumentais) para cada momento e lugar. Assim, os trabalhos de Zucker (1952), Morris (1972), Penerai *et al.* (2004), Fernandes (2006), e, no Brasil, os de Marx (1991) e Caldeira (2007) são seminais em fornecer a dimensão historiográfica de como a praça foi construída em cada tempo e lugar.

A compreensão da história operativa revela ainda a progressiva e bilateral relação entre a praça e seu tecido envolvente, isto é, de transformação do tipo em tecido por meio do processo tipológico. Oliveira (2016) sistematiza parâmetros de análise do tecido envolvente que são determinantes para a qualidade morfológica e sociológica, dentre os quais, selecionou-se para o trabalho: I) o comprimento e a densidade do quarteirão/lotes como medida das relações de proximidade e distância e do número de usuários; II) número de nós viários, de faixas de pedestres/calçadas e de outros meios de acessos de pessoas, como medida dos modais existentes e da facilidade ou dificuldade de se deslocar pelo espaço, conforme as necessidades de cada grupo; III) diversidade do uso do solo do entorno; IV) existência de acessos aos lotes, criando zonas de proteção, híbridas, no contato entre interior e exterior.

Por fim, o mapeamento dos atributos internos da praça – como a diversidade do programa e a presença de mobiliário, vegetação e pisos – mostrou a influência dessas qualidades nos padrões de satisfação e apropriação social.

A contribuição do ambiente para o estudo de apropriação social das praças

O ambiente físico afeta as pessoas, conforme fundamentado no item 1, porém, as pessoas também afetam individual e coletivamente, a utilização e apropriação social do ambiente, em uma relação bilateral, conforme será fundamentado neste item 2.

Moudon (1997) aponta que os estudos de apropriação social são trabalhos orientados pelo sujeito, utilizando-se de conhecimentos da psicologia e da sociologia para explorar e

compreender as interações entre as pessoas e o ambiente, reconhecendo-se dois importantes grupos de interesse: as pesquisas de comportamento e as imagéticas.

As pesquisas ambiente-comportamentais buscam avaliar como o comportamento humano e as relações sociais são afetados pelo espaço, segundo sua configuração formal, funcional e figurativa enquanto possibilismo e probabilismo ambiental, refutando o determinismo ambiental (Moudon, 1997). Dentre alguns expoentes destas pesquisas têm-se Rapoport (1977), Gehl e Birgitte (2018), podendo incluir ainda clássicos da crítica do formalismo e funcionalismo modernos, como Jacobs (2007) que denunciou as patologias sociais motivadas pelos grandes conjuntos dormitórios da suburbanização norte-americana.

Para Rapoport (1977) distintos atributos geram padrões de comportamento. Dentre os ligados ao meio físico, destacam-se aqueles temporais: hora do dia, ritmo do dia, dia da semana ou do ano; climáticos: estações do ano, condição climática do dia, microclima criado pela sombra das árvores ou pelo frescor de um espelho d'água; e espaciais: sensação de segurança e insegurança, proximidade e distância, público e privado, fluidez e barreira, aconchego e desconchego, agradável ou desagradável.

Dentre os atributos sociais, destacam-se as subjetividades individuais e as semelhanças comportamentais de grupos sociais e culturais específicos. Assim, Rapoport lembra que embora os atributos físicos sejam próprios do meio (o objeto em si) há um tanto de subjetividade individual acerca dessas características (o que o objeto aparece para mim), mediadas pela cognição e percepção. Ele esclarece que a cognição é um processo mais intelectual, taxonômico, de atribuir nome e significado às coisas do mundo, classificando-as e ordenando-as por meio de um sistema conceitual. Já a percepção é um processo mais sensorial, relacionado à experiência direta da pessoa com o meio, envolvendo o estímulo de informações presentes tanto no contexto quanto na pessoa, abrangendo as áreas cognitivas (relação indivíduo-ambiente), afetiva (sentimentos e emoções) e conativa (que é a resposta, ação,

da pessoa em relação aos dois primeiros) (Rapoport, 1977, p. 118).

Todavia, os grupos sociais semelhantes – mulheres, crianças, idosos, LGBTQIA+, portadores de deficiência física –, tendem a ter necessidades específicas e, portanto, padrões afins de comportamento ambiental. Assim como grupos culturais semelhantes – como a identidade de cada nação ou cidade, de cada raça (grupos étnicos ou minoritários), de cada bairro (os centrais ou residenciais, os cosmopolitas ou tradicionais) – tendem a criar um sistema tácito de comunicações não-verbais que resultam em regras, materiais, comportamentos, valores, bem como uma forma construída, próprios (Rapoport, 1977, p. 265).

Ademais, o espírito cultural do tempo também influencia os padrões de comportamento. Assim, na contemporaneidade, sob o guarda-chuva do termo urbanismo tático se organiza um movimento multifacetado de atores, formas de fazer e usar a cidade a partir, com e para as pessoas, como ação e reação aos abismos constituídos por uma série de contradições da urbanização neoliberal ao redor do mundo. Nesta tônica identificam-se usos cada vez mais multifuncionais e autoadaptáveis nas cidades contemporâneas. Sem aprofundar na discussão – algo um tanto denso, caro e controverso aos estudos urbanos contemporâneos, fora dos objetivos deste trabalho – identificou-se um potente movimento de grupos comunitários anônimos e de entidades organizadas a fim de uma ocupação efetiva e afetiva dos espaços públicos, algo que se revelou como a genuína alma da cidade.

Esses postulados sobre os padrões de comportamento embasaram metodologicamente a observação *in situ*. Esta técnica da observação direta tem sido a mais consagrada para investigar os padrões de comportamento, interessando anotar em planta e registrar em fotografias de que forma as pessoas utilizam o espaço para desempenharem suas inúmeras atividades cotidianas, desde aquelas mais ordinárias – como descansar, conversar, jogar, comer, namorar, tidas como fixas, e deslocar-se a pé, de bicicleta, outros meios, tidas como móveis – até as mais extraordinárias – como os

eventos, festivais, encontros marcados, carnavais, quadrilhas, batalhas de *rap*.

Gehl e Birgitte (2018) destrincham técnicas da observação direta, permitindo compreender quais atividades estão sendo executadas por cada usuário e por grupos; o que fazem em termos de usos ordinários e extraordinários; qual a relação das pessoas entre si e com o meio; quantas utilizam o espaço apesar das efemeridades temporais e climáticas; por onde predominantemente passam e onde permanecem; quanto tempo gastam na realização das atividades específicas; como o ambiente físico existente satisfaz este desempenho e como a própria adaptação humana ao uso do meio pode sugerir adequações e melhorias deste em termos de localização mais promissora de espaços de permanência ou fluidez do pedestre.

No campo dos estudos imagéticos, o clássico de Lynch (1997) aborda, pela ponte com as

pesquisas de psicologia ambiental, de que forma a cidade é percebida e imaginada pelas pessoas. O autor aplicou, cruzadamente, mapas mentais e questionários junto à população. Pela interpretação dos resultados, o autor pôde identificar uma espécie de imagem pública do lugar, a partir das recorrências, bem como estudar os elementos da estrutura urbana capazes de gerar uma boa forma física da cidade. Foi a partir desta teoria que se estruturou o questionário aplicado neste trabalho.

Morfologia urbana e apropriação social das praças de Brasília

O Distrito Federal possui 2.270 praças, cujo quantitativo por tipologias, uso do solo e mobiliário por RAs estão expressos na Tabela 1 e na Figura 1.

Tabela 1. Quantitativo de praças do Distrito Federal (elaborada pelos autores)

	Tipologias										Uso do Solo						Mobiliário										
	1-Sistema Viário	2-Setorial	3-Verde de Quadra	4-Bairro	5-Equipamento Coletivo	6-Cívica	7-Área Central	8-Verde Envolvente	Total	1-Misto	2-Residencial	3-Comercial	4-Institucional	5-Industrial	6-Verde Predominante	Total	1-Quadra Apenas	2-PEC Apenas	3-Parquinho Apenas	4-Parquinho e PEC	5-Parquinho, PEC e Pergolado	6-Parquinho, PEC e Quadra	7-Parquinho, PEC, Pergolado e Quadra	8-Bancos e Vegetação Apenas	9-Outros	10-Não Possui	Total
Plano Piloto	1	0	1	14	4	9	9	334	372	25	308	7	32	0	0	372	90	30	125	11	7	4	3	41	55	6	372
Gama	5	11	99	34	19	1	0	6	175	70	92	10	1	0	2	175	21	4	0	1	0	6	2	12	20	109	175
Taguatinga	1	24	7	33	18	0	4	6	93	48	31	11	1	0	2	93	31	1	7	2	0	9	1	6	21	15	93
Brazlândia	1	0	3	10	14	0	0	9	37	28	9	0	0	0	0	37	9	7	0	0	0	3	2	3	12	1	37
Sobradinho 1	1	0	8	5	9	0	0	1	24	10	11	2	0	1	0	24	8	0	0	0	0	2	2	2	7	3	24
Planaltina	17	1	10	28	12	0	0	2	70	43	24	3	0	0	0	70	15	8	3	2	1	5	0	6	16	14	70
Paranoá	1	2	4	39	5	1	0	2	54	19	26	1	5	0	3	54	8	1	2	3	2	3	1	3	29	2	54
N. Bandeirante	2	0	5	1	6	1	1	6	22	15	6	1	0	0	0	22	1	2	2	3	0	2	1	2	9	0	22
Ceilândia	12	13	5	24	71	0	1	2	128	76	25	26	0	1	0	128	39	4	1	8	1	19	1	2	28	25	128
Guará	2	1	28	67	4	0	1	3	106	42	57	6	0	1	0	106	6	3	5	12	0	13	0	6	35	26	106
Cruzeiro	4	0	13	21	8	0	0	9	55	33	21	1	0	0	0	55	3	2	11	5	7	0	3	11	11	2	55
Samambaia	44	0	6	203	26	0	6	24	309	152	154	3	0	0	0	309	38	31	25	16	17	12	4	40	43	83	309
Santa Maria	7	6	11	43	23	1	0	7	98	51	38	4	0	0	5	98	24	4	6	1	1	0	0	6	19	37	98
São Sebastião	4	5	19	32	8	0	0	2	70	30	36	2	2	0	0	70	6	9	1	1	0	4	1	4	14	30	70
Recanto Emas	26	0	2	61	15	1	0	1	106	88	15	3	0	0	0	106	19	6	2	4	4	9	7	7	28	20	106
Lago Sul	1	0	3	0	3	0	1	12	20	5	14	0	0	1	0	20	0	0	0	1	2	1	0	6	10	0	20
Riacho Fundo 1	1	0	4	6	12	0	0	1	24	22	2	0	0	0	0	24	1	0	5	4	3	2	3	0	6	0	24
Lago Norte	2	0	1	3	1	0	0	6	13	6	6	0	1	0	0	13	2	1	0	1	4	0	0	1	3	1	13
Candangolândia	2	0	0	10	3	2	1	3	21	13	8	0	0	0	0	21	2	0	5	0	0	1	0	1	8	4	21
Águas Claras	1	0	3	38	2	0	0	3	47	44	3	0	0	0	0	47	0	2	8	2	2	1	2	6	19	5	47
Riacho Fundo 2	3	1	0	76	9	0	0	2	91	29	62	0	0	0	0	91	6	8	6	2	3	7	3	14	22	20	91
Sudoeste	0	0	9	11	0	0	2	96	118	53	63	2	0	0	0	118	3	5	69	2	1	4	0	14	18	2	118
Varjão	3	2	1	12	3	0	0	2	23	19	3	0	0	0	1	23	3	1	6	1	0	0	0	3	4	5	23
Parkway	1	0	0	1	0	0	0	0	2	0	2	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2
Estrutural	0	0	1	8	0	0	0	0	9	5	3	0	0	0	1	9	1	0	1	0	0	2	0	1	3	1	9
Sobradinho 2	5	1	3	35	4	0	0	11	59	12	45	0	1	0	1	59	30	0	4	1	2	1	0	0	16	5	59
Jardim Botânico	7	0	0	38	2	0	0	5	52	17	33	2	0	0	0	52	4	5	7	3	0	4	0	10	18	1	52
Itapoã	0	2	2	5	0	0	0	1	10	3	7	0	0	0	0	10	3	0	0	0	0	1	0	0	6	0	10
SIA	0	0	8	0	0	0	0	0	8	0	0	0	0	8	0	8	0	0	0	0	0	0	0	0	7	1	8
Vicente Pires	0	0	0	4	1	0	0	1	6	1	5	0	0	0	0	6	4	0	0	1	0	0	0	0	0	1	6
Fercal	1	0	2	0	1	0	0	0	4	2	2	0	0	0	0	4	2	1	0	1	0	0	0	0	0	0	4
Sol Nascente	5	1	0	9	1	0	0	1	17	4	10	2	0	0	1	17	7	0	2	0	0	0	1	4	3	0	17
Arniqueiras	5	0	0	15	4	0	0	3	27	12	14	1	0	0	0	27	6	0	3	0	0	2	0	6	4	6	27
Total	165	70	258	886	288	16	26	561	2270	977	1135	87	43	13	15	2270	392	136	306	88	57	117	37	218	494	425	2270

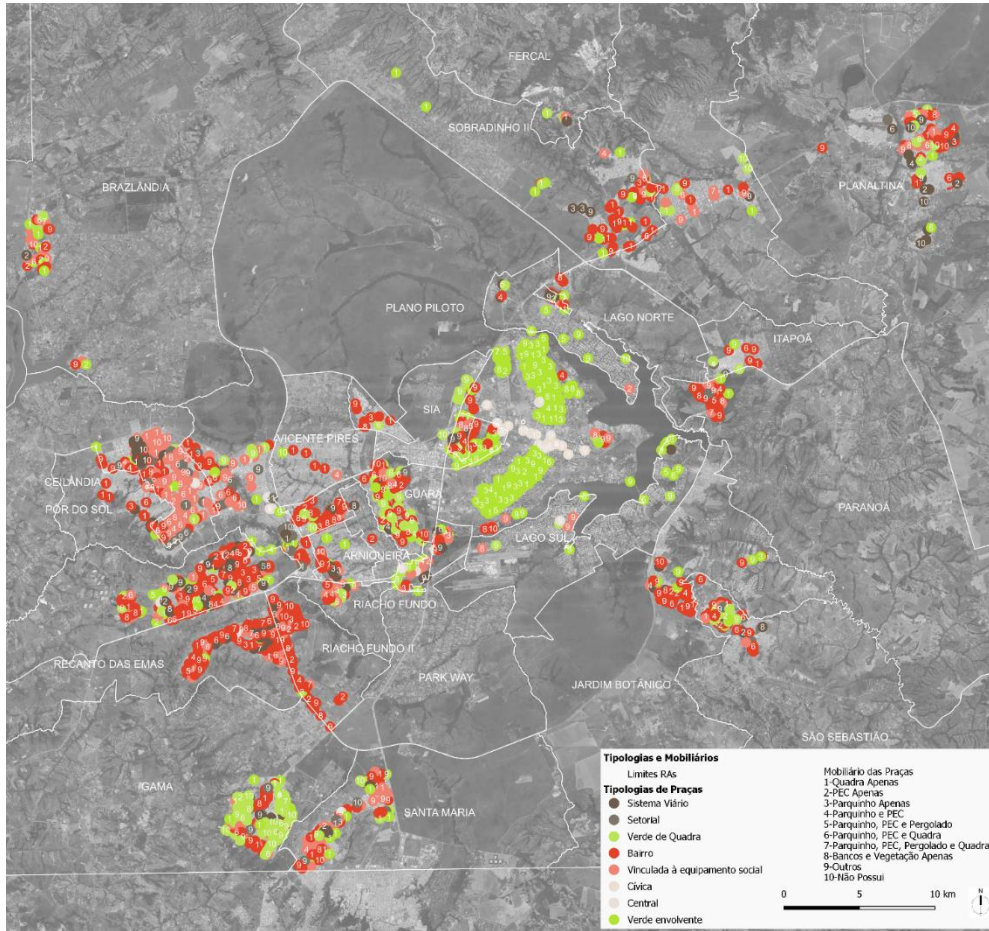


Figura 1. Mapeamento de tipologias/mobiliário das praças do DF (elaborada pelos autores)

Na escala macro, o maior quantitativo é assumido pelas praças dissolvidas no verde envolvente (561), seguido pelas de bairro (886) e as vinculadas ao equipamento coletivo (288). Quanto ao uso do solo do entorno, predomina a praça como elemento organizador da vida social do bairro: são 1.135 de uso predominantemente residencial e 977 de uso misto. Quanto ao mobiliário, destaca-se que 425 praças não possuem nenhum tipo de equipamento, comprovando uma deficiência global do governo em equipar e manter este importante tipo de espaço público.

O perfil socioeconômico e percepção dos 40 entrevistados é trazida pelas tabelas 2 e 3, destacando-se o contraste de escolaridade, vínculo profissional, raça entre RAs de alta (Plano Piloto e Sudoeste), média e média baixa (Taguatinga, Gama, Ceilândia e

Samambaia) e baixa renda (Pôr do Sol e Sol Nascente). Majoritariamente se entrevistou adultos (21) e jovens (16); equitativamente homens (20) e mulheres (20) e uma pessoa se declarou LGBTQIA+.

A população declarou usar com frequência as praças (21) e parques (12) da cidade. Mostrou ainda o uso das praças para fins plurais, como descansar (14), usar o parquinho (14) e o equipamento de ginástica (conhecido localmente como PEC) (6), apesar das restrições e qualidade dos atrativos. Declarou utilizá-las ao longo da semana (19), aos finais de semana (9) ou ambos (10), em vários horários. Dentre as mudanças sugeridas predominam: necessidade de reforma (13), colocação de mais mobiliários (10), ocorrência de mais eventos e atrativos de lazer (13).

Tabela 2. Perfil socioeconômico (fonte: arquivo dos autores).

	Gênero			Idade				Raça			Profissão					Escolaridade									
	Homem	Mulher	Outro	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Parda	Preto	Branco	Trabalhador Informal	Carteira Assinada	Estudante	Profissional Liberal	Desempregado	Servidor Público	Aposentado	Fundamental	Fundamental	Médio Completo	Médio Incompleto	Superior Incompleto	Superior Completo	Pós-Graduação	Não Declarou
Ceilândia	2	2	0	51	37	34	47	3	1	0	3	1	0	0	0	0	0	0	0	3	0	1	0	0	0
Gama	1	3	0	22	49	30	24	2	2	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0
Itapoã	2	1	1	52	24	50	40	4	0	0	2	2	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0
Plano Piloto	1	3	0	28	28	29	41	1	3	0	0	0	0	3	0	1	0	0	0	0	0	0	3	1	0
Samambaia	1	3	0	73	40	39	60	2	0	2	1	1	0	0	0	0	2	1	0	2	0	0	1	0	0
Sobradinho 2	4	0	0	19	65	30	30	2	0	2	2	1	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0
Sol Nascente	1	3	0	55	25	43	45	4	0	0	2	0	0	0	1	1	0	2	0	0	1	0	1	0	0
Pôr do Sol	2	2	0	42	39	41	20	3	0	1	2	1	1	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0
Sudoeste	2	2	0	53	23	38	41	4	0	0	0	0	1	1	0	2	0	0	0	0	0	1	1	2	0
Taguatinga	1	3	0	52	30	13	28	2	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0

Tabela 3. Perfil de uso (fonte: arquivo dos autores)

	Espaços Coletivos que costuma frequentar			Finalidades de Uso da Praça												Dia e Horário de Uso			Mudanças Sugeridas				Sente Seguro												
	Praça	Parque	Ciclovía-Caminhada	Comércio	Nada	Caminhada	Descansar	Parquinho	Comer	Esperar o Ônibus	Apenas Passagem	PEC	Feira	Passear com o Cachorro	Encontrar Alguém	Quadra	Manifestação Política	Semana		Finais de Semana	Revitalização	Mais Arborização	Mais Policiamento	Mais Parquinho	Mais Eventos	Mais Mobiliário	Mais Calçamento	Mais Espaços Cobertos	Nada	Sim	Não				
																		Manhã	Tarde													Noite	Manhã	Tarde	Noite
Ceilândia	2	1	0	3	0	2	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	1	2	1	2	3	1	2	1	1	0	0	0	4	0
Gama	2	2	0	2	0	0	4	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2	0	3	1
Itapoã	1	0	1	4	0	0	2	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	4	1	1	2	0	0	3	0	0	2	1	3	1	0	0	3	1
Plano Piloto	4	4	2	2	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	1	0	4	0
Samambaia	4	0	3	1	0	1	2	3	0	1	0	2	1	1	0	0	0	0	3	0	0	2	1	0	2	0	0	3	1	0	0	0	0	4	0
Sobradinho 2	2	0	1	1	0	0	1	1	1	0	0	1	0	1	1	2	0	0	2	1	0	1	0	0	1	1	0	2	2	0	0	0	0	2	2
Sol Nascente	2	2	0	3	0	0	2	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	3	1
Pôr do Sol	1	0	0	3	1	0	1	2	0	0	1	1	3	1	2	1	0	0	1	0	2	1	0	1	0	2	0	3	2	3	2	0	0	1	3
Sudoeste	2	2	0	0	2	0	1	2	0	1	1	2	0	1	0	1	0	0	2	0	0	3	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	1	3	1
Taguatinga	1	1	0	0	3	1	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	1	0	0	4	2	0	2	1	2	1	0	0	2	2

Na escala micro, discute-se a morfologia e a apropriação social em cada uma das dez praças selecionadas.

Praça de Sistema Viário

É uma tipologia recorrentemente aplicada no DF para organização do sistema binário, dada à tradição rodoviária da capital, podendo ocorrer linearmente à via, como visto em São Sebastião, ou pelo alargamento da rotatória, no caso do Varjão e Gama. Esse tipo de praça se diferencia dos elementos típicos do sistema viário por assumirem também usos de estar e lazer.

O caráter tipicamente linear permite funcionar para a colocação da vegetação, de ciclovias e pistas de caminhada (curiosamente sem

continuidade), ou mesmo de quadras e parquinhos, mas por vezes, desprotegidos pelo tecido envolvente, desestimulando a apropriação. Embora sejam praças desenhadas sob a primazia do fluxo viário, podem servir para organizar uma mobilidade protagonizada pelo transporte coletivo e modais ativos (bicicleta e pedestre), oferecendo maior segurança na travessia, sobretudo para os grupos mais vulneráveis.

No caso analisado de Itapoã, mostra-se sua forma linear e escala regional (Figura 2), visto estruturar-se na importante via de ligação – a EPCT – e no cruzamento entre Paranoá e Lago Norte. Como é inexoravelmente cortada por nós viários, a parte voltada à EPTC é menos aprazível, restrita à passagem da ciclovias e calçada; já a parte voltada para o tecido



Figura 3. Avenida Elmo Serejo. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) planta baixa (fonte: arquivo dos autores)

A praça possui um programa complexo, com pista de *skate*, locais para eventos, quadras, parquinhos, mesas, conforme visto na parte reproduzida na planta.

Na visita, o local estava sendo bem utilizado, sobretudo por mães e parentes levando as crianças aos parquinhos, grupos de meninos brincando de bicicleta, pessoas sentadas, conversando e muitas outras atravessando, de passagem.

Um dos entrevistados avaliou: “acho o lugar bom. Corro aqui e acho muito bem localizado. As quadras são boas. Mas falta manutenção” (Homem, trabalhador informal). Outra apontou: “gosto bastante daqui, é bem arborizado, é bem frequentado no finzinho de tarde, têm aulas de zumba aqui” (Mulher, 20 anos).

Praça Arremate de Quadra

São tipologias originadas do ajuste do traçado ao parcelamento ou ao meio, ou mesmo reservadas para constituição de áreas livres dentro do traçado dos bairros. Embora similares às praças do sistema viário ou do verde envolvente, se distinguem dessas, respectivamente, por não estarem associadas ao binário viário e não estarem diluídas no traçado, mas sim atreladas a ele. Essas praças assumem geralmente funções de passagem,

com calçadas e ciclovias, e de permanência: há bancos, mesas, equipamentos de ginástica e quadras.

Esta tipologia foi vista tanto em RAs de ocupação espontânea, como Sol Nascente e Estrutural/ Santa Luzia, onde se origina do arremate da autoconstrução das quadras, quanto naquelas de influência modernista, como o Plano Piloto (W3 Sul) e o Gama. A boa relação praça-contexto varia caso a caso, definindo sensações de acolhimento ou amplitude, ou da forma como ocorrem os acessos das edificações para a rua, criando-se desde extensas faixas estreitas, sem acessos que se tornam perigosas (Riacho Fundo 1, Taguatinga) até agradáveis áreas que funcionam como híbridos da relação público-privado (alguns trechos da W3 Sul).

O caso específico do traçado modernista do Gama, a praça é triangular, formada pelo ajuste do traçado do parcelamento (Figura 4). A parte da praça voltada para a via troncal SLE Qi7, caracterizada por lotes de grandes dimensões para comércio atacadista e edifícios multifamiliares, restringindo o uso para a passagem da calçada e ao ponto de ônibus; já a parte voltada ao tecido predominantemente residencial, com densidade média e acessos diretos ou próximos a esta, estabelece-se uma relação mais próxima.



Figura 4. Gama. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) planta baixa (fonte: arquivo dos autores)

Na visita, observou-se mulheres conversando nas mesas, pessoas atravessando em diversas direções e esperando no ponto de ônibus (figura 4e). Um dos entrevistados observou: “aqui as pessoas falam que é cidade-dormitório, não tem os mesmos investimentos que as praças de Brasília, lá tem muita gente bonita, muita opção, veja o Eixão do Lazer. Aqui os mendigos e usuários de drogas tomaram conta da praça” (Mulher, 49 anos). Outro acrescentou: “as praças do Gama têm pouca acessibilidade para cadeirante, não têm faixa de pedestres. Aqui tem direto atropelamento” (Homem, 30 anos).

Praça de Bairro

É a praça típica da função básica de lazer e recreação no nível do bairro, seguindo a ideia da praça como célula elementar de organização da vizinhança, atendendo a um contexto de poucas quadras predominantemente residenciais. A influência modernista gerou essa tipologia em várias RAs, com destaque para Samambaia, Riacho

Fundo 2 e Guará. A forma varia entre praças equivalentes a quadras grandes, como em Ceilândia, ou pequenas, como no Varjão. Tradicionalmente, criam espaços de permanência da própria vizinhança, sendo observada a inserção de mobiliários como bancos, parquinhos, PEC, quadras e pergolados.

Essas praças estão muito emolduradas pelo tecido do entorno, sobretudo residencial, com acessos e densidade ativadores da vida social da rua, o que vai justificar sua relativa boa apropriação em vários contextos.

Observou-se pouca inovação no programa, sobretudo no parquinho, onde os brinquedos teriam papel fundamental para estimular a criatividade e cognições do infante. Observou-se excessiva padronização e colocação do mobiliário de forma pontual, sem nuançar uma resolução projetual típica das necessidades e identidades de cada bairro. Observou-se ainda disparidades quanto à qualidade dos equipamentos colocados nas diversas RAs; assim, enquanto naquelas

predominantemente de média e baixa renda, como Samambaia e Santa Maria, por exemplo, várias praças não possuem mobiliários ou não passaram por reforma, outras de alta renda, como Noroeste e Águas Claras, os espaços são bem equipados e qualitativos, o que pode significar certa seletividade social das intervenções do governo. Esta ausência de equipamentos fez com que a população, recorrentemente, fizesse intervenções comunitárias nesses espaços, com o plantio de mudas e a colocação de mobiliários em pneu *pallet*, forma de antecipar e promover a qualificação que o governo não procedeu.

Observou-se, por fim, várias praças típicas de bairro constrictas aos condomínios fechados e nos novos conjuntos do Programa Minha Casa, Minha Vida.

No caso de Samambaia, a praça triangular possui uma relação escalar aconchegante com o entorno (figura 5 a). Apesar do significativo número de acessos para a rua e da densidade razoável do tecido predominantemente residencial do entorno (Figura 5), observou-se pouco uso da praça, possivelmente, pelo programa restrito.



Figura 5. Samambaia. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) plantabaixa (fonte: arquivo dos autores)

Referindo-se ao jardim comunitário da praça, um dos moradores apontou: “aqui é até organizado. São os moradores que podam, cuidam” (Mulher, 32 anos). Outro acrescentou: “no fim da tarde enche de passarinho, é bom de ouvir. A vizinhança ganhou as mudas da TERRACAP e a gente plantou” (Homem, 73 anos).

No caso de Sobradinho 2, a praça, situada em um bairro de baixa renda, possui traçado retangular e configuração espacial com

sensação acolhedora à escala humana. O tecido do entorno é residencial, de média-alta densidade, com acessos diretos das edificações às quatro vias marginais (Figura 6). A praça possui quadra, PEC, pergolado bastante deteriorados; curiosamente, não há parquinho, além de pouca vegetação. Na visita, observou-se muito mato e resíduos na praça, o que parece refletir na sua baixa apropriação social. A praça também possui certa intervenção comunitária: pintura de

pisos, colocação de floreiras de pneus, plantio de mudas, o que transparece não ter gerado

mudança de hábito em prol de um uso mais cuidadoso.



Figura 6. Sobradinho 2. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) plantabaixa (fonte: arquivo dos autores).

Analisando a praça, um dos entrevistados apontou: “no Plano, eles sempre dão uma atenção especial, aqui fica meio largado. Eu tenho, preciso deslocar com meu filho até o Plano para dar a ele um lazer diferenciado. Seria muito mais viável para mim trazê-lo aqui. Mas a praça está deteriorada, falta zelo, falta um pouco de carinho” (Homem, 30 anos). O outro entrevistado completou: “falta colocar umas lixeiras e placas de educação ambiental para evitar que as pessoas espalhem lixo no chão” (Homem, 30 anos).

Praça ao lado de equipamento institucional

Esta tipologia especializada segue a tradição histórica da praça como emolduradora de edifícios institucionais – escolas, igrejas, postos de saúde –, possibilitando tanto o enquadramento arquitetônico quanto a transição de uso do público ao semipúblico. O zoneamento funcionalista de Brasília tradicionalmente reservou uma quadra inteira para edifícios institucionais em projeções ou lotes e a praça é acrescida como espaço livre

envolvente destes usos, em diferentes tipos de traçados, conforme pode ser visto em Taguatinga, Ceilândia, Santa Maria e Samambaia.

Quando situadas em áreas estritamente institucionais, tendem a se tornarem “espaços mortos” fora do horário de funcionamento deles, além de gerarem extensos muros cegos que podem empobrecer o uso social. O mobiliário utilizado difere conforme a tipologia da edificação a qual está ligada, por exemplo, em escolas localizam-se, via de regra, parquinhos e áreas de convivência; em igrejas e centros de saúde, bancos e mesas. É comum a localização de praças em áreas cujos equipamentos coletivos estão previstos, mas não implantados, o que resulta em grandes espaços livres rarefeitos de usos.

No caso de Ceilândia, a praça está vinculada à escola pública do bairro. O tecido do entorno é denso, o que se traduz no elevado número de acessos das edificações às vias marginais e à praça, com uso predominantemente residencial, de baixa renda (Figura 7). A

densidade do programa – com três quadras, PEC, parquinho – restringe, em alguma

medida, a visão e acesso à escola, limitando sua função de enquadramento do edifício.



Figura 7. Ceilândia. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) plantabaixa (fonte: arquivo dos autores)

Na visita, observou-se várias crianças brincando no parquinho, PEC e sentadas nas mesas, entre os turnos de aulas.

Um dos entrevistados relatou: “eu gosto desta praça aqui; mas é mais ou menos, tem dia que tem muito lixo, mas é bastante frequentada. As calçadas são muito desniveladas, não só na Ceilândia, mas no DF todo, e falta arborização” (Mulher, 33 anos). Outro acrescentou: “esta praça foi reformada, mas já está suja. É preciso investir em parquinhos melhores” (Mulher, 34 anos).

No caso do Sol Nascente, a praça se situa em uma quadra reservada para colocação de equipamento institucional, mas há anos não foi implantado. A praça retangular (Figura 8) é em chão de terra e sem iluminação, embora tenha expressivo potencial ambiental até pela necessidade de funcionar como área tampão

de proteção de nascentes e cursos d’água que passam nas proximidades, e urbanístico, visto a intensa demanda por um espaço público de lazer nesta região populosa e de baixa renda (Figura 8 - b, c, d). O Sol Nascente é uma ocupação informal, o que reflete no traçado, com malha orgânica estendida como espinha de peixe a partir da via principal (VC-311); a parte da praça margeada por esta via tem uso mais vinculado à ciclovvia e à passagem de pessoas em direção ao comércio; já a parte voltada às edificações, estendidas como ocupações informais entre a praça e o rio, a partir da autocronstrução de uma via de acesso aos lotes, tem-se uma relação mais próxima. Os usos observados na praça foram implantados pela própria população: campo de futebol, jardim comunitário e feira livre; o local é muito utilizado pela travessia de pessoas.



Figura 8. Sol Nascente. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) plantabaixa (fonte: arquivo dos autores)

Os dois entrevistados apontaram: “o Sol Nascente está precisando de parquinho, vou para o P Norte usar o parquinho. O povo tá precisando de muita coisa aqui. Aqui é muito perigoso e tem muito barulho no final de semana. Sinto insegura. Queria que o Sol Nascente tivesse uma paisagem bem melhor, com um parque, uma entrada. É pouco arborizado, é pobre em equipamentos” (Mulher, 55 anos). Outro acrescentou: “esse espaço deveria ser ocupado para alguma coisa, não para lixo como eles jogam. É poeira que eu vejo na paisagem. A coisa boa é que o pessoal quer ocupar esse espaço para a feira no domingo. Nunca vi ninguém jogando bola nesse campo” (Mulher, 45 anos).

Praça Cívica

Brasília, na condição de Capital Federal, possui inúmeras praças cívicas para a representação do poder político e enquadramento de edifícios simbólicos, notadamente localizadas na escala monumental do Plano Piloto, em eixos axiais e quadras de grandes dimensões.

O caso da Praça da Biblioteca Nacional (Figura 9) é típico desta condição, com disposição monumental da vegetação e do mobiliário. A Praça possui edifícios monumentais como o Museu e a Biblioteca Nacionais, com controle de acesso, desestimulando o uso.

Para Lúcio Costa, este seria o espaço do manejo da topografia e distanciamento dos edifícios, para a visualização perspectiva e monumental do conjunto arquitetônico, concretizando seus ideais libertários, humanistas e de valorização da cultura nacional.

A disposição do conjunto envolvente – com grandes quadras, edifícios monumentais de uso predominantemente institucional e comercial e avenidas desenhadas para o fluxo veicular, é uma “paisagem de objetos” (Holanda, 2003). Se por um lado, transmite sensação de abertura visual, por outro, faz com que a circulação do pedestre seja um tanto desconfortável e perigosa à noite; refletida mesmo no tempo da semaforização desfavorável à travessia dos grupos sociais vulneráveis. Localizada ao lado da escala

central da Rodoviária do Plano, reservada ao *frenesi* anônimo, cotidiano, da metrópole, conforme idealizado pelo urbanista, o local é

inequivocamente utilizado para a passagem de trabalhadores, apesar das restrições pedonais.

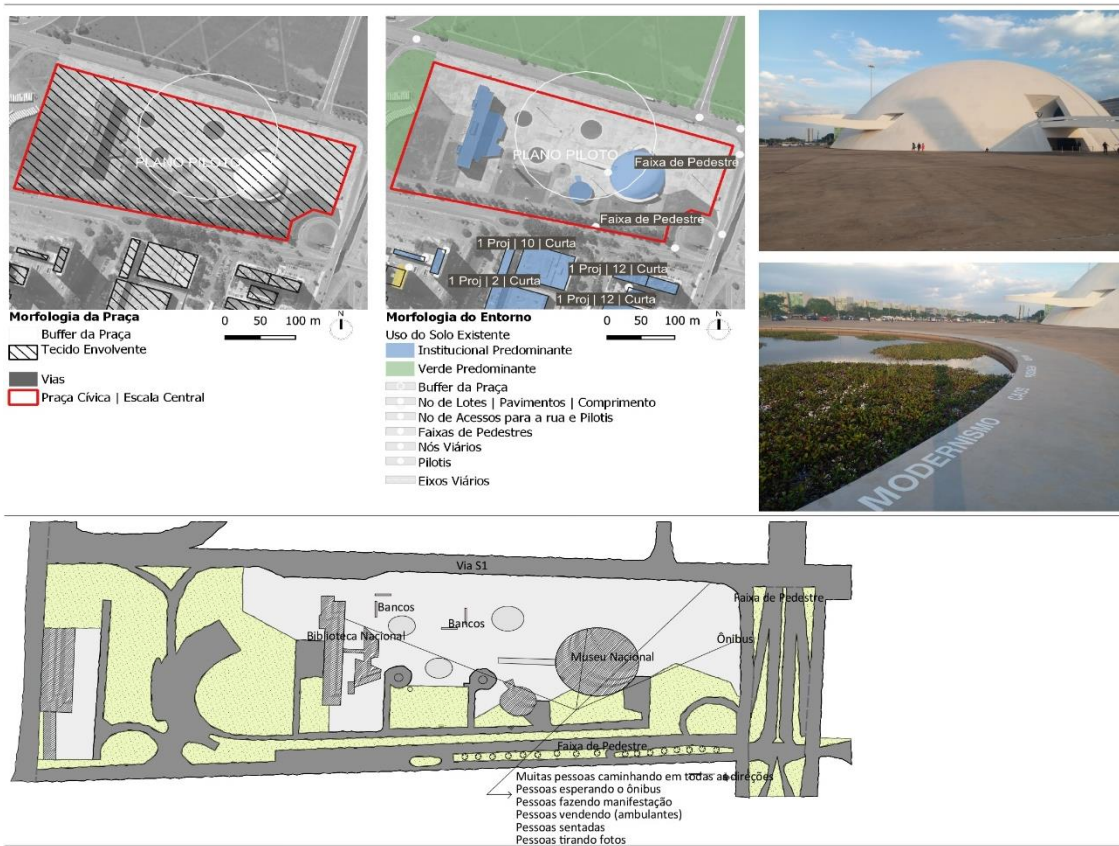


Figura 9. Plano Piloto, Praça da Biblioteca Nacional. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) planta baixa (fonte: arquivo dos autores)

A praça concentra população de rua. É também tradicionalmente usada como ponto de encontro das mais diversas manifestações políticas do cenário nacional e internacional; na visita, por exemplo, um grupo se concentrava para uma manifestação. Um dos entrevistados, que aguardava para cobrir o evento, observou: “acho este espaço bonito, olha esse céu, mano! O problema da população de rua é grave no DF todo, o governo deveria acolher essa população, mas ele não dá jeito. Depois das 20 horas dá sensação de insegurança aqui” (Mulher, 28 anos). Outro acrescentou: “é uma paisagem comunista (posso dizer assim?). Política. O espaço dá sensação de respeito e organização. Falta ter mais cuidado com a população de rua. Falta abrir mais as bibliotecas e os museus da cidade para os artistas e para as pessoas. Eu estou aqui justamente para produzir material fotográfico para estimular os artistas a

ocuparem a cidade com arte. Brasília é muito generosa para fotografar” (Mulher, 29 anos).

Também nesta escala monumental verificou-se uma intervenção artística na praça, chamando a atenção para a necessidade de maior abertura dos espaços extraordinários para o fazer e o usar da população (Figura 9 - d).

Praça Central

Influenciada pelo zoneamento funcionalista, as áreas centrais do DF possuem geralmente uso estritamente comercial, resultando no empobrecimento da utilização notívica desta tipologia de praça. Seus entornos, geralmente, são configurados por edifícios de mais alto gabarito.

A Praça do Relógio é uma das centralidades comerciais e de serviços mais importantes do DF, por situar-se no centro de Taguatinga, RA que cumpre a função especializada de

estruturar a periferia populosa da metrópole. Esta praça retangular, modernista, é utilizada da primeira hora da manhã até a última da noite pelo *frenesi* anônimo, cotidiano, visto a presença do metrô, dos mais diversos ônibus, do comércio e diferentes serviços (Figura 10 - a, c, d). De dia é o lugar de passagem frenética de pessoas, de realização de eventos anônimos

e simultâneos por atores diversos – artistas de rua, anunciadores de Igrejas, população de rua, voluntários na distribuição de sopas, propagandistas de eventos e promoções; de noite é apropriada pelos grupos alternativos – batalha de *rap*, shows – e também pela prostituição.



Figura 10. Praça do Relógio. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) planta baixa (fonte: arquivo dos autores)

O conjunto do entorno, com edifícios de gabaritos diversos e usos institucional, comercial e, em menor proporção, residencial, configura na parte da praça voltada para a Avenida Comercial, certa sensação de abertura visual e distanciamento, dada pelas dimensões viárias; já na parte voltada para a Administração Regional e comércio envolvente, há sentimento de proximidade (Figura 10 - b).

Apesar de a obra recente do túnel regional ter incluído como contrapartida a reforma da praça e de alguns edifícios simbólicos, esta

área central encontra-se com a arquitetura modernista bastante decadente. Na visita, percebeu-se bancos sem assentos; pisos estragados, dificultando a travessia de cadeirantes; falta de bicicletário na integração do metrô, apenas para citar alguns exemplos (Figura 10 - e).

As narrativas dos usuários da praça destacaram: “acho que deveria ter mais opções culturais de lazer aqui” (Mulher, 30 anos); “a Praça está decadente, não condiz com a importância e memória de Taguatinga. A Praça tem um potencial de ser um espaço

social e cultural mais importante para a cidade” (Mulher, 52 anos).

Praças no verde envolvente

As praças no verde regional envolvente são típicas do modernismo de Brasília, caracterizam-se pela presença de espaços de permanência dissolvidos na escala bucólica, o que apesar de não ser uma praça no sentido estrito do termo, exerce funções de estar e lazer, assemelhando-se, portanto, funcionalmente a esta. São geralmente praças de bairro ou também de circulação em áreas coletivas – próximas ao sistema viário de passagem do transporte coletivo –, com mobiliários que variam desde o parquinho e PEC até quadras e pistas de caminhada. Esta tipologia foi vista dentro de alguns condomínios fechados em Sobradinho 2 e no Jardim Botânico.

É um tipo relevante, justamente por ser a praça típica do *habitat* em superquadra, comprovada

por sua expressividade numérica (561), o que elevou, inclusive, o quantitativo geral. A ideia de Lúcio Costa era reproduzir nas superquadras um modo de vida pacato, uma unidade de vizinhança, em contraponto ao *frenesi* dos eixos rodoviários e monumental e do centro urbano, aludindo o cotidiano de uma cidade de interior tão estudada por ele à frente do serviço de patrimônio. A utopia humanista do autor acreditava que variar a densidade e o padrão arquitetônico dos blocos possibilitaria o convívio de diversos grupos sociais no mesmo lugar, algo que não se confirmou pelo alto preço do solo no Plano. Ao passo que as edificações em *pilotis*, com gabarito homogêneo, possibilitariam uma *sui generis* integração interior-exterior do *habitat* em apartamento. Curiosamente, o tecido, embora configurado por edifícios isolados, se integra ao arranjo da superquadra, justamente pela concepção como unidade.

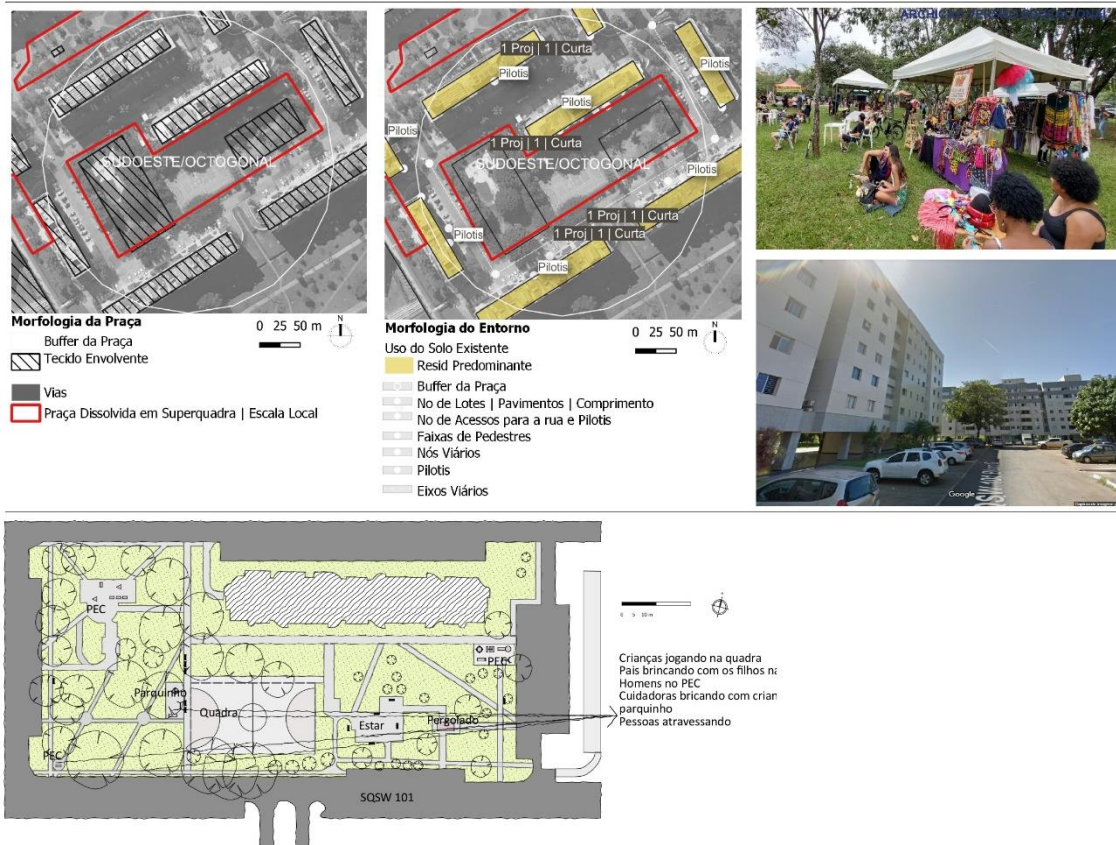


Figura 11. Sudoeste. a) traçado e escala, b) entorno, c) vista interna, d) vista externa, e) planta baixa (fonte: arquivo dos autores, c) Blog Curta+Brasília (2023)

O Sudoeste, no caso estudado, é um dos novos setores residenciais previstos por Lúcio Costa no Plano Brasília Revisitada,

preservando a tradição urbanística da superquadra. O desenho mantém os traços da superquadra na parte habitacional,

conferindo sensação de lugar transmitida pelo gabarito homogêneo (Figura 11 - a, b), mas difere na localização do comércio ao longo das avenidas comerciais. Por ser um contexto de alta renda, a praça está bem equipada e mantida e conta com um programa diverso (Figura 11 - d, e). Sistemáticamente, estes espaços livres das superquadras vêm sendo apropriados pelos eventos particulares e comunitários anônimos – piqueniques, festas de celebração de aniversários, casamentos, eventos de bairro, feiras de trocas, bazares etc. (Figura 11 - c).

As narrativas apontaram: “os espaços aqui são muitos arborizados, mesmo na seca a arborização prevalece, são bem frequentadas, apesar de alguns serem mal-cuidados. Me sinto bem, mas em algumas praças têm usuários de droga, então, dá uma sensação de insegurança” (Mulher, 53 anos).

São espaços abertos, para relaxar, levar crianças. É como um pequeno parque, mais de permanência do que para se exercitar como em um parque. Aqui é bem quieto, não tem poluição sonora perto, os maiores sons que ouço são da EPIG, que tem sirene, freadas bruscas. (Homem, 23 anos).

Conclusões

Uma contribuição importante deste trabalho é ter realizado o mapeamento das praças do DF, informação não identificada nos dados governamentais, ainda que a partir da identificação e categorização delimitados pelo método de pesquisa.

Os resultados mostraram a riqueza morfológica das praças do DF, tendo em vista as diferentes características sociais, urbanísticas, culturais e econômicas que as configuraram. Os diferentes tipos morfológicos verificados mostram heranças importantes do modernismo e da contemporaneidade, do traçado regulador (monumental e ordinário) e espontâneo a serem protegidas como patrimônio coletivo.

Contudo, a expressiva singeleza e simplificação da resolução projetual do espaço interno delas, muito mais movidas pela colocação padronizada dos equipamentos do que aos traços que singularizam cada contexto, ao lado da expressiva existência de praças não equipadas ou não reformadas, mostram a urgência do governo em mudar o

modo de fazer e manter estes espaços. Assim, entende-se a necessidade de ouvir e articular mais com a população, de que forma buscar soluções criativas para que a necessária produção em série do mobiliário não seja limitadora da criação de lugares acolhedores e identitários.

A vegetação – notadamente chão gramado e árvores –, mostraram a sublime resiliência climática e a pitoresca conformação de uma paisagem verde e com atração da fauna nativa, típica de Brasília; na escala monumental, se contrasta com o azul do céu.

Assim como a presença qualitativa de atrativos, pôde-se perceber a importância do tecido, particularmente da densidade, quantidade de acessos das edificações do entorno para a via e do uso do solo (no caso do DF, fortemente influenciado pelo zoneamento funcionalista) na ativação do uso das praças.

Embora considerados por muitos como impessoais e limitadores do uso pedonal, sobretudo noturno, os verdes amorfos de Brasília têm mostrado um expressivo potencial de apropriação contemporânea, aliás, esta vida pública apesar de, conforme as ou contrariamente às heranças do traçado, revelou-se a verdadeira alma da metrópole modernista.

Referências

- Aymonino, C. (1984) *O significado das cidades* (Editorial Presença, Lisboa).
- Caldeira, J. M. (2007) *A praça na cidade brasileira, trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade*. Tese de Doutorado, Departamento de História da Unicamp, Campinas.
- Caniggia, G.; Maffei, G. L. (2001) *Architectural composition and Building typology: interpreting basic Building* (Alinea Editrice Firenze).
- Cataldi, G.; Maffei, G. L.; Vaccaro, P. (1999) “Paolo Marreto’s contribution to the Muratori School”, *Urban Morphology* 3, 47-9.
- Fernandes, S. A. (2006) *Praça em Portugal*. (SRMM, Lisboa).
- Gauthier, P. (2005) Conceptualizing the social construction of urban and architectural forms through the typological process. *Urban*

Morphology 9(2), 83-93.
DOI:10.51347/jum.v9i2.3921.

Gehl, J; Svarre, B. (2018) *A vida na cidade: como estudar* (Perspectiva, São Paulo).

GDF. (2023). *Geoportal*. Recuperado em 15 de agosto de 2023, de <https://www.geoportal.seduh.df.gov.br/geoportal/>.

Jacobs, J. (2007) *Morte e vida de grandes cidades* (Martins Fontes, São Paulo).

Holanda, F. (2003) “Brasília: da Carta de Atenas à cidade de muros”. V *Seminário Nacional Docomomo Brasil*, EESC USP. São Carlos.

Kohlsdorf, M. E. (1996) “Brasília, Mosaico Morfológico”. *Anais do IV Seminário História da Cidade e do Urbanismo*, vol.II. Rio: PROURB/FAU-UFRJ.

Lynch, K. (1997). *Imagem da Cidade* (Martins Fontes, São Paulo).

Maretto, M. “Saverio Muratori: towards a morphological school of urban design”. *Urban Morphology* (2013) 17(2), 93-106.

DOI:
<https://doi.org/10.51347/jum.v17i2.3990>.

Marx, M. (1991) *Cidade no Brasil terra de quem?* (Nobel, São Paulo).

Morris. A. E. J. (1972) *History of urban form. Before the industrial revolution* (George Godwin Limited, Londres).

Moudon, A.V. (1997). “Urban morphology as an emerging interdisciplinary field”, *Urban Morphology*, 1,3-10.

Oliveira, V. (2016) *Urban Morphology: an introduction to the study of the physical form of cities* (Springer, Lisboa).

Panerai, P, Castex, J., Depaule, J.C. (2004) *Urban forms: the death and life of the urban block* (Architectural Press, UK).

Rapoport, A. (1977) *The meaning of the built environment: a nonverbal communication approach to form and design* (Pergamon, Oxford).

Zucker, P. (1959) *Town and Square* (Columbia University Press, New York).

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Urban morphology and social appropriation of squares in Brasília, Distrito Federal: from modernist capital to contemporary metropolis

Abstract. *This article categorizes the morphological types of squares in Brasília, Distrito Federal, analyzing their relationship with the surrounding fabric and the presence of furniture and vegetation. For ten typical cases of each category, it nuances the morphological analysis and investigates the patterns of social appropriation. The study is based on type-morphological analysis and environmental behavior to investigate this sui generis type of public space - the urban square. Based on the shpfile layers of road network, blocks/lots, land use and living and leisure furniture from Geoportal and Google Street View®, 2270 squares were mapped and typified. The results made it possible to identify different origins of the layout and intended functions of the square, taking into account the various morphological influences - modernist and contemporary - of Brasília, as well as the decisive influence of the quality of the surrounding fabric - access, density, land use - and the design resolution and maintenance of the square - environments, furniture, vegetation - on patterns of social appropriation; showing the richness of public life not only to teach, by way of conclusions, attributes for good urban design, but also to reaffirm that it effectively makes up the soul of the city.*

Keywords: *urban morphology, social appropriation, vegetation and urban furniture, squares in Brasília (Federal District).*

Editora responsável pela submissão: Karin Schwabe Meneguetti.

Revisão de texto: Linda Emiko Kogure

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

